

# **AS VIÚVAS**



# **AS VIÚVAS**

**Lynda La Plante**

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © La Plante Global Limited 2018

Publicado originalmente em uma edição revisada em inglês,  
por Bonnier Zaffre, Londres.

Os direitos morais do autor foram garantidos.

TÍTULO ORIGINAL

Widows

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Laís Curvão

Daniel Austie

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

DESIGN DE CAPA

Rafael Nobre

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P773v

Plante, Lynda la, 1943-

As viúvas / Lynda la Plante ; tradução Alexandre Raposo. - 1. ed.

- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

400 p. ; 23 cm.

Tradução de: Widows

ISBN: 978-85-510-0391-6

1. Ficção inglesa. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

18-51090

CDD: 823

CDU: 82-3(420)

[2018]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Para Ann Mitchell, que era e sempre será Dolly Rawlins*



# Prólogo

Londres, 1984

O plano do assalto era perfeito: caso contrário, Harry Rawlins não o levaria adiante. Rico negociante de antiguidades especializado em obras de arte, prataria e joias valiosas, ele e a esposa, Dolly, formavam um casal extraordinário. Mas Harry Rawlins tinha outro lado. Criminoso estabelecido e especialista em lavagem de dinheiro, inspirava grande respeito e lealdade em seus homens, embora fosse um inimigo frio, calculista e letal. E, apesar de a polícia suspeitar que ele estava profundamente envolvido com o crime, Harry Rawlins nunca passou um único dia atrás das grades.

O plano era simples e, como qualquer coisa liderada por Harry Rawlins, fora ensaiado repetidas vezes, em todos os detalhes. Quatro deles usando balaclavas interceptariam um carro-forte em um ponto pré-determinado da passagem subterrânea de mão dupla da Strand. À frente do carro-forte, ao volante de um caminhão de pão, um dos membros da gangue pisaria no freio, bloqueando a passagem. Assim que o carro-forte parasse, três homens que viriam mais atrás em uma van Ford Escort assumiriam suas posições. Um deles deteria o trânsito sob a mira da arma enquanto os outros dois, usando gelatina explosiva e um detonador ligado a fios, arrombariam as portas traseiras do carro-forte. O motorista do caminhão se juntaria aos demais, e os assaltantes encheriam as mochilas uns dos outros com sacos de dinheiro. Então três dos assaltantes armados atravessariam correndo os últimos cinquenta metros até a saída da passagem subterrânea, na qual um carro de

fuga os estaria esperando. Cobrindo a evasão, o quarto assaltante dirigiria o caminhão de pão até um esconderijo também pré-determinado.

Quando o caminhão de entrega de pão, o carro-forte e a van Ford Escort entraram na passagem subterrânea da Strand, tudo parecia correr conforme o planejado. Os assaltantes, todos bandidos experientes, estavam preparados para a próxima etapa. Mas de repente... o inesperado aconteceu. Logo atrás deles surgiu uma viatura da polícia, que entrara na passagem subterrânea perseguindo dois rapazes que haviam roubado um carro.

Quando as sirenes foram ligadas, o motorista da van entrou em pânico, se virou para olhar para trás e, naquela mesma fração de segundo, dando continuidade ao plano, o homem ao volante do caminhão pisou no freio, forçando o carro-forte a fazer o mesmo. Quando o motorista da van voltou a olhar para a frente, já era tarde demais. Ele bateu no carro-forte e os rapazes que fugiam da polícia bateram em sua traseira.

Os impactos quase simultâneos fizeram com que o assaltante no banco do carona fosse lançado para a frente. A gelatina explosiva foi arrancada de sua mão e bateu no painel, provocando uma explosão e formando uma bola de fogo que tomou conta do interior da van.

Os três assaltantes armados ficaram presos dentro do veículo. As chamas e a fumaça impediam a abertura da porta do motorista. Ninguém podia se aproximar, ninguém podia ajudá-los, mas todos ouviram seus gritos quando o tanque de combustível explodiu e destruiu o que restava da van.

Na terrível confusão que se seguiu, ninguém notou o motorista do caminhão de pão. Sem acreditar no que acontecia, ele observou tudo por alguns segundos, correu de volta ao caminhão e saiu da passagem subterrânea.

\* \* \*

Os três corpos carbonizados da van foram levados para o necrotério de Westminster. Dois dias depois, o patologista forense terminou a análise e identificou-os oficialmente como Harry Rawlins, Joe Pirelli e Terry Miller.

O motorista da van, Harry Rawlins, recebeu todo o impacto da explosão da gelatina. A parte superior do seu corpo foi despedaçada, o crânio, tão fragmentado que não pôde ser reconstituído, e as pernas foram carbonizadas até os ossos. No entanto, preso ao pulso esquerdo queimado e mutilado, havia um Rolex de ouro com a inscrição agora borrada: *Para Harry – com amor, Dolly – 12/2/62.*

Embora a polícia suspeitasse desde o início que o segundo corpo era de Joe Pirelli, um lado do seu rosto estava queimado demais para terem certeza. Joe tinha ficha criminal, mas não foi possível extrair impressões digitais porque nenhuma de suas mãos fora encontrada intacta. Um odontologista forense teve que ser chamado e acabou identificando o corpo com relativa certeza analisando a arcada dentária.

Com três condenações anteriores, Terry Miller foi reconhecido pelas impressões parciais de um polegar e de um indicador do que restara de sua mão esquerda carbonizada.

Os três homens eram casados. Agora suas três mulheres estavam viúvas.



# CAPÍTULO 1

Dolly Rawlins estava na cozinha, passando o colarinho e os punhos da camisa que ela cuidadosamente engomara, do jeito que Harry gostava. Ao lado dela, o cesto de roupas acumulava uma pilha de lençóis e fronhas já passadas. Wolf, o poodlezinho branco que Harry trouxera para casa depois que Dolly dera à luz um bebê natimorto e suas esperanças de constituir uma família foram por água abaixo, sentou-se aos seus pés com a cabeça baixa. Sempre alerta, ia atrás da dona toda vez que ela se mexia.

Dolly estava lavando, passando e aspirando desde que voltara da delegacia. Já passava das 13h. Às vezes, ela parava e simplesmente ficava olhando para o nada, então a dor aumentava e Dolly voltava ao trabalho; qualquer coisa para deter o que sentia. A polícia não deixou que ela visse o corpo de Harry, pois estava muito desfigurado, e parte dela se recusava a aceitar o que lhe disseram. Dolly tinha certeza de que estavam mentindo. A qualquer momento, Harry voltaria para casa.

\* \* \*

Linda Pirelli ficou imóvel no necrotério frio, o cabelo comprido e castanho-escuro emoldurando o rosto pálido. Ela queria ter alguém ali ao seu lado, queria várias coisas, mas, naquela hora, o que mais queria era que tudo fosse um pesadelo e que, a qualquer momento, ela acordasse.

— A arcada dentária sugere que este é o seu marido, Sra. Pirelli, mas, como não encontramos todos os dentes, gostaríamos que a senhora também desse uma olhada — disse o agente funerário. — Um lado do rosto não está muito queimado, então, se a senhora permanecer onde está, vai ficar bem. Pronta?

Antes que Linda pudesse responder, ele puxou o lençol branco. Ela ofegou, levou a mão à boca e ficou paralisada. Depois sentiu algo quente escorrer por entre as pernas.

— Banheiro, eu preciso ir ao banheiro... — começou a murmurar baixinho.

— Esse é o seu marido, Joseph Pirelli? — perguntou a policial que a escoltava.

— Sim, sim, é ele. Agora me tire daqui, por favor — implorou Linda.

A policial segurou Linda pelo braço e gentilmente a guiou até um banheiro no corredor.

\* \* \*

Audrey, a mãe de Shirley Miller, estava farta e esgotada. Olhou com repugnância para seu velho vestido de lã sem caimento, as pernas nuas e as botas na altura dos tornozelos. Ao ter um vislumbre de si mesma no reflexo da janela da cozinha, viu que raízes grisalhas brotavam em seu cabelo pintado de ruivo. Precisava de uma tintura para se sentir humana novamente. Enquanto observava seu reflexo extenuado, ouvia a filha se debulhando em lágrimas no andar de cima.

Shirley estava deitada na cama, os olhos vermelhos de chorar. Sempre que fechava os olhos voltava a chorar, repetindo o nome dele várias vezes:

— Terry... Terry... Terry... — gritava, pressionando contra o peito um porta-retratos com a foto do marido.

Audrey se apressou em lhe trazer uma bandeja com um copo de leite quente e torradas amanteigadas, mas Shirley não conseguiu tocar em nada, então a mãe raspou o prato sozinha. Enquanto comia, olhou para a pequena foto com moldura prateada que Shirley abraçava.

Sentada na beirada da cama, Audrey admirou a bela filha, o orgulho de sua vida. Shirley era uma jovem deslumbrante, com um corpo curvilíneo e cabelo comprido e cacheado passando dos ombros. Tinha um temperamento muito doce e confiável e só contrariou os desejos de Audrey uma vez, ao se casar com

Terry Miller. Ela vai superar, disse Audrey a si mesma. Com o tempo, vai voltar a si. Mas, por enquanto, era melhor deixar que chorasse.

\* \* \*

Às 14h, Dolly arrastou a tábua de passar roupa escada acima de sua casa imaculada em Potters Bar. Wolf a seguiu, sonolento. Ele costumava dormir na sala, no espesso tapete persa diante da lareira ornamentada. Na cornija da lareira havia fotos de toda uma vida de Dolly e Harry: o casamento no cartório em Chelsea, Dolly usando um vestido Chanel e segurando um pequeno buquê de rosas brancas, a lua de mel em Paris e, então, cada aniversário, Natal e baile de caridade que veio em seguida. No inverno, a lareira acesa aquecia o corpiño de Wolf e, no verão, o cachorro aproveitava o ar fresco que circulava pela sala quando as janelas estavam abertas. Contudo, quando Harry estava fora a trabalho, Wolf sempre se aninhava ao lado de Dolly no elegante sofá de veludo vermelho com franjas douradas.

Dolly abriu a porta do quarto. Lá dentro, a lâmpada da cabeceira fornecia um brilho quente e tênue ao cômodo impecável: cortinas drapeadas combinando, colcha e algumas almofadas cuidadosamente arrumadas; nada fora do lugar. Depois de guardar a tábua de passar, Dolly levou a mão ao bolso do avental e acendeu o centésimo cigarro do dia. Ao tragar, sentiu o coração pesar em seu peito.

De volta ao térreo, abriu as portas de mogno do armário onde ficava o som, ligou o aparelho e posicionou a agulha no LP que já estava no prato. Ela colocara aquela música para tocar diversas vezes desde que chegara da delegacia: a voz suntuosa e profunda de Kathleen Ferrier cantando “What is Life” parecia acalmá-la.

Fumando, Dolly sentou-se na sala, com Wolf enroscado ao seu lado. E ali ela ficou a noite inteira. Não chorou, não conseguia — era como se alguém tivesse esvaziado todas as emoções que existiam dentro dela. Dolly pensou na manhã da antevéspera, quando Harry lhe dera um beijo de despedida. A viagem de negócios para comprar antiguidades demoraria só alguns dias, dissera. Dolly sentiu saudades de Harry durante todo o tempo em que ele esteve ausente e, na noite anterior, preparava uma lasanha para jantarem assim que ele voltasse — Harry gostava do queijo gratinado sobre a massa — quando a campainha tocou.

Enxugou as mãos em um pano de prato enquanto Wolf latia e se aproximava da porta de mogno. Ela o seguiu até o corredor e então ficou imóvel. Ali, nos painéis de vitrais, viu duas silhuetas escuras. A campainha tocou outra vez.

Os dois detetives mostraram as credenciais e perguntaram se o marido dela estava em casa. A lei já tinha batido à sua porta algumas vezes, de modo que Dolly imediatamente se fechou, reservada, e disse que Harry estava ausente, a trabalho. Então os detetives pediram que ela calçasse os sapatos, vestisse um casaco e os acompanhasse até a delegacia para identificar algo que acreditavam pertencer ao marido dela. Na viatura, foram de pouca ajuda, recusando-se a responder a suas perguntas, o que a assustou. E se tivessem prendido Harry? Dolly decidiu não falar nem perguntar mais nada até que tivesse mais informações.

Na delegacia, levaram-na a uma sala fria e despojada com uma mesa com tampo de fórmica e quatro cadeiras idênticas e duras. Uma policial uniformizada ficou ao lado de Dolly enquanto um detetive lhe entregava um saco de provas de plástico contendo um relógio de ouro Rolex com mostrador incrustado de diamantes. Quando ela tentou abrir o saco, o detetive arrancou-o de sua mão.

— Não toque! — exigiu ele.

Então, vestiu luvas brancas de látex, tirou o relógio do saco e virou-o para deixar à mostra a inscrição desbotada no verso.

— “Para Harry – com amor, Dolly – 12/2/62” — murmurou ela.

De algum modo, Dolly conseguiu manter o controle.

— Isso é do meu marido. Esse relógio é de Harry.

E seu mundo entrou em colapso.

— Nós o tiramos do pulso de um cadáver. — O detetive principal parou de falar para avaliar a reação dela. — Do cadáver carbonizado de um homem.

Dolly pegou o relógio, afastando-se do detetive até bater na parede oposta da sala. A policial se aproximou com a mão estendida.

— Isso é uma prova! — disse ela. — Devolva!

Dolly apertou o relógio com toda a força. O choque a fizera perder toda a inibição.

— Vocês estão mentindo! — gritou. — Ele não morreu. Ele não morreu!

Quando o precioso relógio de Harry foi arrancado de seus dedos, ela sibilou:

— Eu quero vê-lo. Preciso vê-lo!

A policial perdeu a paciência e disse com frieza:

— Não sobrou nada para ser visto.

Durante todo o caminho de volta para casa, na viatura da polícia, Dolly ficou repetindo para si mesma que não poderia ser Harry, mesmo que uma voz em sua cabeça sussurrasse... Ela dera aquele relógio para o marido no aniversário de dez anos de casamento. Ele a beijara e prometera que nunca o tiraria do pulso. Dolly adorava o modo como ele olhava para o relógio, estendendo o braço, virando o punho e observando a luz refletir nos diamantes. Ele nunca tirava o Rolex, nem mesmo na cama. No aniversário de casamento seguinte, ela comprou um isqueiro de ouro maciço Dunhill com as iniciais dele gravadas. Harry riu e disse que, assim como o relógio, sempre o levaria consigo.

Mas, mesmo assim, ela não conseguia aceitar que ele não voltaria para casa.

\* \* \*

Audrey organizou o funeral de Terry. Foi uma reunião familiar tranquila, apenas algumas coisas para beber em casa, nada especial. Além disso, o estado de Shirley era tão crítico que a recepção foi o único momento para o qual Audrey conseguiu convencê-la a se arrumar.

Greg, o irmão punk de Shirley, ajudou como pôde, mas ainda era muito jovem e não sabia lidar com os rompantes da irmã mais velha. Quando Shirley tentou pular no túmulo em cima do caixão, ele ficou tão envergonhado que se infiltrou em outro enterro, totalmente diferente e muito mais digno.

Nenhuma lápide foi encomendada porque Audrey não quis pedir dinheiro a ninguém, mas planejava providenciar algo assim que Shirley se recuperasse. Tinha grandes esperanças de que ela voltasse ao circuito dos concursos de beleza. Audrey achava que a filha poderia se tornar Miss Inglaterra com sua aparência deslumbrante. Na verdade, ela já a inscrevera no concurso de Miss Paddington... Mas mencionaria isso mais tarde, quando Shirley não estivesse chorando tanto.

\* \* \*

Linda estava na sala superlotada da família Pirelli. Todos os parentes de Joe haviam sido convidados para o funeral e para a vigília e estavam uivando e

tagarelando em italiano loquaz, vestidos de preto da cabeça aos pés. Sua sogra, Mama Pirelli, havia cozinhado por dias, preparando um banquete: massas, pizza, salame, tudo o que você pudesse imaginar havia naquela mesa. Linda era órfã e não tinha família para convidar. Quanto aos amigos, o pessoal do fliperama onde ela trabalhava não conhecia Joe muito bem. Sendo assim, Linda estava se embebedando sozinha. Sentia os olhares dos convidados, balançando a cabeça ao notar seu vestido vermelho-vivo. Mas não se importava.

Olhando para o mar de rostos chorosos, Linda subitamente viu uma mulher do outro lado da sala e percebeu que era a loirinha vulgar que vira na companhia de Joe algumas semanas antes. Furiosa, abriu caminho em meio aos convidados até a mulher, que chorava.

— Quem foi que convidou você? — gritou.

Linda fazia questão de lhe deixar uma lembrança de Joe! Jogou a taça de vinho na garota e a teria agredido se Gino, o irmão mais novo de Joe, não a tivesse afastado a tempo. Segurando com força uma Linda aos prantos, ele sussurrou gentilmente em seu ouvido para reconfortá-la e de forma casual colocou a mão ébria em seu seio direito.

\* \* \*

Consumida pelo luto, Dolly Rawlins quase não comera. Noite e dia pareciam misturados, mas, funcionando no piloto automático, de algum modo concordou em enterrar o marido. Sentou-se na sala usando vestido e chapéu pretos com um véu pequeno. Alisou as luvas de couro preto diversas vezes, sentindo o anel de noivado e a aliança sob o couro fino e macio. Wolf estava sentado no sofá ao seu lado, pressionando o corpo quente no seu quadril.

Mesmo naquele dia, Dolly estava extremamente serena. Seu cabelo cor de areia estava impecável, a maquiagem era discreta e os modos, formais. Era uma mulher decidida a não compartilhar seu sofrimento, algo muito pessoal, muito particular. Ninguém conseguiria entendê-lo, e a última coisa que ela queria era que alguém sugerisse entender.

\* \* \*

A parceria de Dolly e Harry fora muito especial. Os dois se conheceram quando ela administrava a loja de antiguidades e o brechó do seu falecido pai

em Petticoat Lane, mas não foram o jaguar E-Type de Harry, sua boa aparência ou charme que a atraíram, embora, é claro, tivesse notado tudo isso. Não, a conexão foi muito mais profunda.

Quando Harry lhe pediu em casamento com um solitário de diamante, Dolly ficou sem fôlego. A mãe de Harry, Iris, ficara igualmente sem fôlego, mas por motivos bem diferentes. Ela não conseguia acreditar que o filho queria se casar com uma garota que, a seus olhos, era uma vadiazinha aproveitadora. Iris criou o filho único sozinha depois que o marido foi preso por assalto à mão armada e morreu de câncer logo após ser libertado. Ela abriu um comércio de antiguidades bem-sucedido — e aparentemente legítimo —, o que garantiu que Harry tivesse uma boa educação, e providenciou para que ele viajasse bastante com o intuito de aprofundar seus conhecimentos em arte clássica, prataria e pedras preciosas. Quando Harry assumiu o negócio, Iris lutava contra artrite e enxaquecas incapacitantes e estava pronta para se aposentar. O que desejava para o filho único era vê-lo casado com uma moça rica, com classe e bem relacionada. Aquela foi a primeira vez que ele desafiou a mãe.

Dolly nunca contou para Harry sobre o dia em que visitou Iris no elegante apartamento de St. John's Wood comprado por seu filho amado. Naquela época, Dolly não era o que se podia chamar de elegante, mas também não chegava a ser a loura cafona que Iris imaginava. Era atraente, corpulenta para uma mulher e tinha as mãos de quem havia trabalhado duro, embora fosse recatada, feminina e se expressasse com discrição. Iris se conteve e ofereceu-lhe chá.

— Não, obrigada, Sra. Rawlins — respondeu Dolly.

Iris estremeceu ao ouvir o sotaque do East End da garota.

— Eu só gostaria que a senhora soubesse que eu amo Harry e, a senhora gostando ou não, nós vamos nos casar. Sua constante desaprovação e suas ameaças só nos aproximam mais, porque ele me ama e precisa de mim.

Dolly fez uma pausa para que Iris retrucasse, para pedir desculpas caso tivesse algum bom senso. Em vez disso, Iris olhou Dolly de cima a baixo com todo cuidado, claramente desprezando suas roupas simples e seus sapatos sem salto e nada originais.

Dolly deu de ombros e prosseguiu:

— Meu pai trabalhava no ramo de antiguidades e conhecia seu marido, portanto não me venha com esse ar de superioridade. Todo mundo sabe que ele era receptor de bens roubados e que, por anos, cumpriu pena em Pentonville por assalto à mão armada. Todos sabem que a senhora usou o dinheiro

do roubo para administrar o negócio enquanto ele estava preso. E, vamos ser sinceras, a senhora teve sorte de escapar.

Ninguém nunca falara com Iris daquele jeito.

— Você está grávida? — perguntou ela, atônita.

Dolly ajeitou a saia.

— Não, Sra. Rawlins, não estou, mas pretendo ter uma família, e se a senhora quer fazer parte dela, então deveria ficar de bico calado. Harry e eu vamos nos casar, com ou sem a sua permissão, e ameaçar tirá-lo do negócio vai ser o mesmo que cuspir para cima — declarou Dolly, virando-se para ir embora. — Vou embora.

— Se é dinheiro que você quer, posso fazer um cheque agora mesmo — disse Iris. — Diga o seu preço.

Dolly estendeu a mão esquerda, exibindo o diamante do anel de noivado.

— Eu quero uma aliança de ouro que combine com isto aqui, porque a senhora não tem dinheiro suficiente para me comprar. Ele é tudo o que eu quero, e vou fazê-lo feliz. Como já disse, fazer ou não parte da nossa vida depende apenas da senhora.

Mais uma vez, Dolly dirigiu-se para a porta. Mais uma vez, as palavras de Iris a detiveram.

— Se você pretende administrar o negócio de antiguidades com Harry é melhor dar um jeito nesse seu sotaque vulgar do East End.

— É o que pretendo, Sra. Rawlins. — Dolly encarou-a por cima do ombro. — Assim como a senhora deu um jeito no seu.

\* \* \*

Eddie Rawlins, o primo que Dolly não suportava, entrou com o rosto corado de frio e interrompeu seus pensamentos. Era fisicamente parecido com Harry, apesar de Harry ser forte e musculoso — portanto Eddie era uma versão mais fraca dele.

Ele esfregou as mãos e apontou para o cortejo fúnebre que se desenrolava do lado de fora da janela.

— Estão todos aqui — disse, radiante. — Uma multidão. Os Fisher vieram, isso sem falar dos policiais na viatura no fim da rua, observando tudo. Não dá nem para ver o fim da fila, deve ter uns cinquenta carros lá fora!

Dolly mordeu o lábio. Ela não queria que fosse assim, mas Iris insistira: Harry era um homem importante que precisava ser enterrado com estilo. Dolly sabia

como Iris também estava ferida, então cedeu. Nunca a agradeceriam por isso, mas, em longo prazo, essa decisão deixaria a vida de Dolly menos estressante.

Pegando a bolsa de couro preto, Dolly levantou-se e ajeitou a saia, examinando-se no espelho do corredor. Assim que chegou à porta da frente, Eddie a deteve e tirou um pequeno embrulho marrom do bolso. Então se inclinou e falou em voz baixa, embora estivessem a sós:

— Para você, Dolly. Sei que provavelmente não é apropriado neste momento, mas a polícia andou bisbilhotando minha casa e Harry me pediu para entregar isso a você se alguma coisa acontecesse com ele.

Dolly olhou para o embrulho. Eddie se aproximou e disse:

— Acho que são as chaves do cofre dele.

Dolly guardou o pacote na bolsa e saiu com Eddie. Não conseguia acreditar que estava prestes a enterrar Harry. Só queria deitar e morrer. Agora, seu cachorrinho era tudo o que a mantinha viva.

Os vizinhos estavam nas entradas de suas garagens, e, quando Dolly atravessou jardim da frente de casa, sentiu que todos a observavam. Havia uma longa fila de carros esperando pacientemente para seguirem o carro fúnebre, por sua vez coberto de grinaldas e coroas de flores. Dolly nunca vira tantos corações e cruzeiros; os respingos de cor destacados em contraste com a fila de carros escuros.

Eddie levou Dolly até a traseira de um Mercedes-Benz preto com janelas escurecidas. Enquanto baixava a cabeça para entrar no carro, ela viu a sogra no Rolls-Royce logo atrás mexendo os lábios para formar a palavra “vadia”. Dolly a ignorou, assim como fez durante a maior parte da sua vida de casada.

Assim que se acomodou, acenou para que Eddie seguisse o lento carro fúnebre. Pelo retrovisor, ele viu as lágrimas começarem a escorrer pelo rosto abatido da viúva. Ela não fez qualquer esforço para enxugá-las enquanto falava com a voz trêmula:

— Espero que você tenha dito que não vou fazer nada em casa depois do funeral... Absolutamente nada. Quanto antes isso acabar, melhor.

— Sim, eu disse — respondeu Eddie, cauteloso. — Mas acho que Iris vai receber algumas pessoas no apartamento dela. Ela me pediu para ir e disse que pagou por tudo.

Dolly fechou os olhos e balançou a cabeça. Iris não era financeiramente independente desde a aposentadoria, de modo que “pagou por tudo” na verdade significava que era Harry quem pagaria. Ou, mais precisamente agora, Dolly.

Harry Rawlins foi enterrado do jeito que a mãe quis, com centenas de pessoas reunidas no cemitério e um número ainda maior de flores ao redor do túmulo. Durante a cerimônia, Dolly permaneceu solitária e imóvel. Foi a primeira a se afastar do túmulo, e a multidão intrometida ergueu a cabeça para vê-la ir embora.

Entre os enlutados estava Arnie Fisher, usando casaco de casimira azul-marinho, terno e camisa impecáveis. Assim que o carro de Dolly se afastou, ele acenou com a cabeça para um homem enorme que estava de pé no fundo da multidão. Boxer Davis se aproximou. Seu terno, em contrapartida, era de má qualidade e estava puído, e até a camisa estava manchada e encardida. Seu rosto grande e estúpido exibia comoção pela cerimônia, e ele limpou o nariz achatado — pingando coriza — com as costas da mão. Arnie Fisher olhou para o Mercedes de Dolly, que se afastava lentamente, e indicou com a cabeça para que Boxer fosse atrás dela. Boxer estremeceu, bastante envergonhado.

— Não acha melhor esperar alguns dias, chefe? Quero dizer, ela acabou de enterrá-lo.

Arnie olhou fixamente para Boxer por alguns segundos, indicou mais uma vez o Mercedes com a cabeça e se virou. Fim de papo.

A poucos metros de Arnie estava seu irmão mais novo, Tony, que se destacava acima de todos, fazendo até mesmo Boxer parecer pequeno. O sol frio fazia o brinco de diamante em sua orelha direita brilhar, e ele o tocava enquanto conversava com alguns amigos. Tony terminou a piada que estava contando e todos caíram na gargalhada. Ao contrário do irmão, Tony era bonito. De fato, a única semelhança entre os dois eram os gélidos olhos azuis. Arnie era míope, portanto usava óculos sem aro — mas havia algo naqueles olhos insensíveis e sem emoção que ambos compartilhavam. Boxer encarou Tony, então voltou a olhar para Arnie e, obediente, abriu caminho pela multidão de enlutados que se dispersava para seguir Dolly até a enorme casa vazia onde ela e Harry foram tão felizes por tanto tempo.

Perto dali, o sargento Fuller recostou-se em uma lápide, fazendo uma nota mental de todos os presentes. *Meu Deus*, pensou, *é como olhar as fotos de registro dos criminosos na Yard*. Todos os marginais da cidade apareceram: a velha guarda e o sangue novo. Como um jovem e diligente policial disposto a impressionar, Fuller ficou irritado por ter sido convocado para uma tarefa que considerava idiota. Seu chefe, o inspetor George Resnick, já era obcecado por pegar Harry Rawlins antes mesmo de Fuller nascer.

— Algo vai surgir, Fuller — disparara Resnick para ele e para o detetive assistente Andrews naquela manhã. — Todos os bandidos de Londres vão estar naquele cemitério hoje, tanto para prestar homenagens quanto para garantir que Rawlins não ressuscite. Então, algo vai surgir. E eu quero saber o quê.

O inspetor Resnick sempre acreditara que Harry Rawlins era o mentor de três assaltos a carros-fortes. Suas tentativas de provar isso transformaram-se em uma obsessão opressiva e uma fonte de irritação constante para Rawlins. Até que, por fim, Harry reagiu. Resnick fora fotografado aceitando um envelope de um criminoso conhecido e, quando a história vazou para o *News of the World*, ele foi investigado por corrupção. Resnick levou meses para provar sua inocência, e, ao retomar o posto, esse estigma arruinou qualquer esperança de promoção. O dano irreparável à carreira alimentou um ódio furioso, e ele jurou que um dia, não importava quanto tempo demorasse, veria Harry Rawlins atrás das grades. A morte superara Resnick, mas aquela obsessão aparentemente se estendia para além-túmulo.

Fuller não se preocupava com Resnick porque não acreditava nem por um segundo que o inspetor se preocupasse com ele — o homem não colocava nada nem ninguém acima da prioridade de pegar o maldito Harry Rawlins. No entanto, ambos se preocupavam com o que os irmãos Fisher estavam fazendo e com quem conversavam, de modo que Fuller observou-os como um falcão. Fuller queria subir na carreira e os Fisher estavam na lista de “mais procurados” da polícia desde seus tempos de recruta uniformizado. Com a morte de Rawlins, pegá-los seria a captura do século!

Depois que a multidão se dispersou, Fuller abriu caminho até a saída em meio às lápides. Estava prestes a entrar na viatura da polícia que o esperava quando notou uma mancha de lama em seus sapatos de quarenta libras e, irritado, limpou-os no limiar do gramado. O detetive assistente Andrews sorriu para ele do banco do motorista. Fuller não estava de bom humor, principalmente porque a barra da sua melhor calça também estava enlameada.

Fuller abriu a porta do carro e se jogou no banco. Pegou um lenço limpo, branco, perfeitamente passado, e cuspiu no tecido antes de limpar a lama da perna direita da calça.

— Viu algo interessante?

Andrews tentava puxar conversa. Percebera que Fuller estava muito entediado havia uma hora.

— Esse babaca do Resnick pode arruinar a carreira dele se quiser, mas não vai fazer isso com a minha — respondeu Fuller.

— Lembro que li alguma notícia sobre ele no *News of the World*.

Andrews sabia de todas as fofocas. Achava que isso impressionava as policiais da delegacia.

— Suspenso por aceitar propina — acrescentou. — O policial corrupto que foi subornado.

— Eu deveria me importar? — grunhiu Fuller.

Então fechou a porta do carro e indicou com a cabeça para que Andrews começasse a dirigir.

— Ele recebeu duas condecorações por bravura do Comissariado antes de se tornar sargento — disse Andrews enquanto dava a partida. — Era um bom policial.

— Bem, agora não é mais!

Todos sabiam que as chances de uma promoção para Resnick eram nulas. Embora tenha mantido o cargo de inspetor, sempre que seu nome era mencionado para alguma promoção, alguém colocava o dedo na ferida e ele era preterido. E fazia pouco tempo que o inspetor-chefe Saunders convencera o comandante do Departamento de Investigações Criminais a deixar Resnick voltar a ter um cargo operacional. Com relutância, ele fora encarregado de liderar uma pequena equipe de investigação de crimes menores.

— Todo policial associado a esse dinossauro fumante é visto como uma piada tão grande quanto ele próprio. E lhe digo uma coisa, Andrews, não vou aturar isso.

Fuller abriu seu eterno bloco de notas e olhou para a lista de nomes que fizera no funeral.

— Esse cara é um idiota perseguindo fantasmas. Devemos voltar nossa atenção para os vivos.

Quando o carro se afastou, Fuller virou-se e olhou para a multidão que esperava no estacionamento em busca de Arnie Fisher, mas ele já tinha ido embora. Fuller franziu a testa e deu um tapinha no bloco.

— Vamos dar uma olhada na casa da velha Rawlins, ver quem está prestando as últimas homenagens àquele desgraçado.